



TERRITÓRIOS SOLIDÁRIOS LATINO AMERICANOS E TURISMO COMUNITÁRIO NO REBATIMENTO AOS MEGAEMPREENHIMENTOS TRANSNACIONAIS

Luzia Neide Coriolano

Professora do Programa de Pós Geografia, Coordenadora do Laboratório de Estudos do Turismo e Território – NETTUR, Sub Coordenadora do Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos / Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pesquisadora do CNPq. E
luzianeidecoriolano@gmail.com

Carlos Alberto Cioce Sampaio

Professor do Departamento de Turismo e do PPG em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e do Programa de Pós-Graduação (PPG) em Desenvolvimento Regional da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Pesquisador CNPq
carlos.cioce@gmail.com

Resumo

Este estudo analisa territórios solidários de turismo comunitário em países latino-americanos como contraponto ao turismo convencional, dos megaempreendimentos transnacionais. Mudanças no modelo socioeconômico com movimentos de resistência à pretensa hegemonia de países ricos, sobreposições de megaempresas à de pequena escala, em relação ao turismo global, convencional, voltado aos megaempreendimentos envolvidos com especulação imobiliária. Verifica como países fortalecem territórios de economias solidárias, comunitárias. Como se criam sinergias, socialização de saberes em territórios como caminho para redução das disparidades espaciais e desigualdades sociais. Identifica experiências com referência de políticas de inclusão social, que promovem pequenas cidades, bairros, periferias e comunidades, mitigam distâncias entre ricos e pobres. Articulações entre aspectos políticos e institucionais para gestões participativas e estratégias como questões de gênero, diferenças étnicas, terceira idade, grupos minoritários, assim como questões ambientais e de sustentabilidade socioeconômica, e desenvolvimento de comunidades que buscam soluções econômicas e sociais pelo turismo, na América Latina.

Palavras-chave: Territórios solidários, Turismo comunitário, Neocolonialismo, Megaempreendimento

Abstract

The study analyses solidarity territories of community tourism in Latin American countries in opposition to the conventional tourism, characterized by the transnational mega-companies. Its changes on socioeconomic model with actions of resistance to the rich countries hegemony, overlapping of large companies over the smaller ones, in relation to global tourism aiming the mega-companies related with real estate speculation. It verifies how countries strengthen territories of solidarity, community economies. How synergies, wisdom socialization in territories as path to reduction of spatial and social disparities are created. It identifies experiences with reference to social inclusion policies, which promote small cities, neighborhoods and communities, reducing distances between rich and poor people. Articulations among policies and institutional aspects for participative management and strategies like gender, ethnical differences, third age, minority groups, like environmental and socioeconomic sustainability issues, and development of communities that seek economic and social solution through tourism in Latin America.

Keywords: solidarity Territories, Community Tourism, Neo-Colonialism, Mega business

Esse estudo tem como objeto de análise territórios solidários no turismo comunitário em países latino-americanos em contraponto ao turismo convencional dos megaempreendimentos transnacionais, de promoção do desenvolvimento territorial. Tem como pressupostos a socialização do conhecimento, a urbanização exaustiva nos países latinos americanos com aceleração dos fluxos de pessoas, objetos e informações, ocasionando bases ora favoráveis ora contrárias ao desenvolvimento endógeno.

A globalização, com foco na descoberta da capacidade dos indivíduos, amplia conhecimentos, níveis de colaboração, cooperação para entrada em circuitos globais, de forma consciente aproveitando oportunidades. Isso ocorre não pela globalização em si, mas pelas resistências e novas formas de conhecimento surgidas por insatisfações e conflitos de interesses pela mundialização do capital, possibilitando resistências e redes de comércio justo em experiências solidárias. Diferente do primeiro momento da globalização que une países com eliminação de fronteiras, o segundo prima pela fusão de empresas, faz emergir, agora, territórios solidários salvaguardando identidades culturais. Ocorrem contemporaneamente mudanças no modelo socioeconômico latino- americano, com movimentos de baixo para cima, reagindo à pretensa hegemonia de países ricos, e sobreposições de megaempresas de pequena escala e formas de resistência em relação ao turismo global, convencional, voltado aos megaempreendimentos envolvidos com a especulação imobiliária. Assim, levantam-se os seguintes questionamentos: como países da América Latina fortalecem territórios mediante economias solidárias e comunitárias? Como se criam sinergias, desde a socialização de saberes e da produção de territórios solidários do turismo comunitário nos países latinos? O caminho pode levar à redução das disparidades espaciais e desigualdades sociais? A exploração pelos megaempreendimentos pode ser vista como nova forma de colonizar?

A problemática se relaciona ao turismo, atividade chave da modernização que privilegia relações sociais artificiais, efêmeras da sociedade de consumo, ao transformar lazer em mercadoria. O objetivo é analisar processos de experiências de produção de territórios solidários na oferta de turismo comunitários na América Latina, assim como explicar

conflitos e contradições das relações do turismo convencional com o das comunidades receptoras. Destaca-se que a organização socioespacial decorrente das imposições do modo de vida prioriza necessidades do capital e, em processo contraditório, enfraquece o Estado, mas fortalece movimentos sociais e a democracia, amplia a inclusão/exclusão à medida que amplia espaços de participação.

América Latina frente ao modelo global

A América Latina, do ponto de vista linguístico, corresponde ao países da América do Sul, Central e Insular, arquipélagos e ilhas do Caribe, Cuba, Haiti, e República Dominicana, além do México, onde se falam primordialmente línguas descendentes do latim: espanhol, português e francês entra mais aceleradamente no processo de crescimento urbano e modernização. Vive realidades que mesclam o urbano e o rural, o arcaico e o moderno, o local com o global e embora o modelo econômico tente homogeneizar a forma de produzir, ocorrem rebatimentos e resistências produzindo economias e territórios solidários. Percorrendo caminhos distintos dos trilhados pelos países ao Norte do Rio Grande (EUA, Canadá), a América anglo-saxã se distancia, ainda no século XIX, do conjunto de países que, a partir daí, genericamente levam a alcunha de “latinos” (COUTO, 2007). A Comissão Econômica para a América Latina – CEPAL, no pós Segunda Guerra, institucionaliza o uso da expressão América Latina para designar os países pobres, colonizados, mais precisamente explorados das Américas, que Galeano (1979, p. 14) considera “região de veias abertas”. Desde o descobrimento até nossos dias:

Tudo se transformou em capital europeu e, mais tarde, norte- americano, e como tal tem se acumulado e se acumula até hoje nos distantes centros do poder. Tudo: a terra, seus frutos e suas profundezas, ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e de consumo, os recursos naturais e os recursos humanos.

Tomado como referência regional, os países latino-americanos apresentam diversidade de situações socioeconômicas, marcadas por grandes contradições e conflitos seguindo o modelo de desenvolvimento econômico, hegemônico imposto pelo imperialismo norte-americano. Assim, em países latinos, ocorrem reestruturações produtivas, polarização de indústrias multinacionais, novas formas de produção espacial, urbanização do campo e emergência de megaempreendimentos turísticos de bandeiras internacionais, em contraste com a manutenção da pobreza de grande parte dos espaços e das populações. Países como o Brasil “deixam de ser mero fornecedor de matérias-primas, de alimentos *in natura* e semimanufaturados, embora as *comodities*, como da soja, ocupem o primeiro lugar nas exportações” (LIMONAD, 2008, p. 84). Muitos países são verdadeiros paraísos fiscais, neles se instalam oficinas fabris, embora os centros de decisão sejam externos, denotando industrialização tardia em relação aos países centrais do capitalismo, economia dependente, e desenvolvimento “desigual e combinado” do capitalismo. A inserção do capitalismo no campo promove alterações profundas no espaço e na economia dos países latinos, onde a agricultura de subsistência, caça, pesca e coleta dão lugar ao agronegócio, com produtos para exportação, chamados *commodities*, sob a lógica da acumulação de capital. Novas cadeias produtivas substituem as atividades tradicionais de subsistência mantendo a concentração de terra, capital e poder inviabilizando a permanência de pequenos produtores agrícolas. O modelo de sociedade proposto na reestruturação produtiva do capital, em escala mundial, provoca graves

rebatimentos na América Latina, por priorizar a urbanização, tecnificação, serviços e consumo. Isso tem promovido maior mobilização de trabalhadores rurais, multiplicado as ocupações de terras, que o Estado denomina invasões para justificar despejos judiciais. Afirma Alentejano (2008 p. 245) que “o Estado, mediante conjugação de forças dos poderes Judiciário e Executivo, toma cada vez mais para si a tarefa de proteger a propriedade privada da terra, colocando-se a serviço dos interesses do latifúndio, cada vez mais travestido de agronegócio”. Assim, a modernização aumenta a contradição sem mudar as condições de vida dos explorados.

Ocorre de modo geral urbanização acelerada dos países latinos, o urbano passa a ser o padrão de referencia a ser copiado e seguido, impondo nova velocidade, em jogo de força articulado dos grandes empresários e o Estado interessados na reprodução econômica. Sobre as transformações urbanas das cidades Carlos (2008, p.51) mostra que:

O empreendedorismo urbano promove a urbanização espacial como condição da realização da economia mundializada, situação na qual a cidade, ela própria, é fonte de lucro, o que entra em conflito com o fato de que a vida cotidiana só pode se realizar em espaços-tempos definido pela prática da sociedade.

Situar a América Latina no processo de mundialização do capital exige evidenciar contra racionalidades, ou outras racionalidades produzidas por países pobres, por trabalhadores, pelos chamados excluídos. O mundo sem fronteiras, das empresas sem nacionalidade, dominado pelos oligopólios, pelo tecnoglobalismo, pelo mercado financeiro, pelo consumo, pelos *media* globais, “faz o modo de vida das sociedades de consumo, ocidentais, ser tomado como padrão apesar de não estar acessível a todos, nem nos países considerados ricos” (DUPAS, 1999, p. 17), com aumento do sentimento de exclusão. A expansão capitalista impõe-se, no dizer de Santos (1996), com a chamada “inclusão perversa”, mostrando formas diferenciadas de inclusão no trabalho, lazer, turismo ou sociedade. Os serviços tomam a dianteira aparente, pois servem de suporte à indústria, são atividades funcionais às produções industriais e demais produções. O turismo é um desses serviços de suporte a reprodução da força de trabalho, ao progressivo crescimento das relações industriais, comerciais e financeiras dos diversos mercados internacionais. Hotéis, restaurantes, agências de viagens, comunicações, ambientes para lazer, equipamentos turísticos servem de suporte à mobilidade da mão de obra empresarial globalizada, ou seja, indiretamente, serve de estratégia à reprodução do capital. Diz Chesnais (1996, p. 187) que “falta uma base teórica para explicar o lugar dos serviços e de seu modo de acumulação no capitalismo contemporâneo”. As economias modernas atuais, centradas no comércio e, sobretudo, na variedade de serviços, convivem necessariamente com relações sociais e estruturas pretéritas baseadas na agricultura de subsistência, na extração mineral e vegetal, mostrando as multifaces do capitalismo na América latina.

O turismo na América Latina

A expansão do turismo na América Latina configura-se como fruto do processo histórico, do avanço civilizatório, das relações de trabalho que criam o tempo livre, propiciado pelo desenvolvimento tecnológico, com condições de viagem prazerosa, no pós-revolução industrial com condições para isso. Apesar do crescimento vertiginoso desde a década de 1940, o turismo ainda é um fenômeno minoritário na escala mundial e próprio do mundo da opulência. São diminutos os números dos que podem viajar. Os fluxos de turistas

internacionais tem registrado crescimento quase que ininterrupto – de 25 milhões em 1950 para 277 milhões em 1980, 435 milhões em 1990 e 675 milhões em 2000 para 940 milhões atuais (OMT, 2011).

A América Latina é receptora de turismo e, em muitos países a atividade, representa a maior percentagem de exportação total de bens e serviços. O principal destino é o México. A América do Sul teve o melhor desempenho em toda América em 2010, sendo a Argentina o país que obteve melhor resultado, seguido do Uruguai, Equador, Brasil e Peru. O crescimento dos fluxos decorre de forte demanda intrarregional, sendo o Brasil um dos mercados com crescimento mais rápido, situando-se como o terceiro maior mercado por gastos nas Américas. Estima-se que as chegadas ao Caribe tenham aumentado em 4%, em 2010. Registram-se também bons crescimentos os fluxos para Bahamas, Barbados, Jamaica, Cuba, República Dominicana, Belize, Costa Rica, Guatemala, Nicaragua e Honduras (OMT, 2011).

O turismo tornou-se relevante a partir dos anos setenta, com o turismo de sol e praia em grandes pólos receptores costeiros planejados como Cancun, Puerto Vallarta, no México, Puerto Plata em República Dominicana, Mar del Plata na Argentina, Punta Del Este no Uruguai, balneários do sul do Brasil e as ilhas caribenhas. Os sítios arqueológicos pre-colombianos e cidades coloniais ajudam desenvolver o turismo de Machu Pichu, no Peru, e sítios históricos na América Central. Entre os destinos mais procurados do Brasil, destaca-se o Rio de Janeiro, conhecido como a cidade maravilhosa, Foz do Iguaçu e, na década de 1990, praias urbanizadas do Nordeste do Brasil como: Porto Galinhas - em Pernambuco, Pipa - em Rio Grande do Norte, Canoa Quebrada - Jericiacoara - Porto das Dunas / Beach Park no Ceará, costa da Bahia, com a cultura afro, o candoblé, descritas nas obras de Jorge Amado e Salvador com a arquitetura colonial e roteiros diversificados.

Cresce em especial a demanda internacional e, segundo Atlés (2006), o crescimento das motivações das viagens relaciona-se à maior valorização da singularidade dos destinos, ao crescimento da busca por viagens de natureza, aventura e interesses especiais, aumento de viagens independentes, diversificação de canais comerciais, maior facilidade de acesso aos diferentes lugares, surgimento de operadoras especializadas e divulgações na Internet. Contudo a integração da América Latina com os países centrais do capitalismo resulta do fortalecimento de empresas capitalistas e maior exploração da força de trabalho, dando o turismo políticas restritas de migrações que atuam como freio aos visitantes e contradizem as políticas e estratégias de turismo, os fluxos aumentam em toda a América. Daí afirmar Limonad (2008) que a disseminação localizada de *clusters* turísticos de porte internacional, de maquiladoras (fábricas para realizar parte do processo de produção), construção de plantas industriais especializadas para atender aos mercados supralocais, regionais e supranacionais contribuem para alterar a face de países latino-americanos. O turismo faz-se vetor importante de políticas públicas e privadas e tem papel preponderante na urbanização de lugares de destinos internacionais, com verdadeira “turistificação” de lugares, ou seja, territórios construído em função do turista e não do residente, com especulação imobiliária e desigualdades territoriais de infraestrutura urbana alocadas pelo Estado, como em Cancun, Los Cabos e Cozumel no México; Varadero, Cayo Coco em Cuba; Aruba, Bahamas, apenas para dar exemplos, lembrando também os litorais dos países latino-americanos abocanhados para o turismo tropical. No Brasil o processo de urbanização, verticalização dos litorais, com expropriação de colônias de pescadores para dar lugar a hotéis internacionais, condomínios de luxos, *flats*, rede de *resorts*, tem sido intenso e conflituoso, porque implica uso e posse da

terra em comunidades tradicionais. E o processo se repete em vários países. O estudo de Limonad (2008 p. 80) mostra que:

Diversos países do Caribe, por ordem de importância, República Dominicana, Porto Rico, México e Cuba foram responsáveis por 80% da receita gerada em atividades de turismo na região, superando destinos tradicionais ao gosto norte-americano como Bahamas, Jamaica e Ilhas Virgens (Jayawardena, 2003). As atividades de turismo superaram a participação da produção de bananas no produto interno bruto em países antes explorados pela United Fruit Company, como são os casos de Costa Rica (Lumsdon e Swift, 1988) e da República Dominicana (Freitag, 1994) romanceados por Miguel Ángel Asturias na trilogia bananeira (*Viento fuerte*, *El papa verde* e *lós ojos de lós enterrados*).

O turismo é explicado por diferentes abordagens, como atividade econômica, política, sociocultural, e, em todas elas, faz-se necessário destacar o papel do espaço na produção da atividade. Passou a ter carga ideológica tão forte que arrasta consigo outras atividades, como o lazer dos moradores. E mais ainda, países, lugares e comunidades com vulnerabilidades econômicas também lutam para entrar nos circuitos turísticos em busca do sonhado desenvolvimento, de que se espera mais do que pode dar.

Turismo é abstração, o que o materializa são os lugares e seus recursos e as culturas, transformados em atrativos turísticos. Em essência, turismo é lazer com viagem. Mas nem todo lazer é turismo, assim como nem toda viagem é turística. A atividade exige envolvimento de governos, empresários e sociedade com políticas que envolvem mercado, trabalho, emprego e território. O turismo é também trabalho, pois para que alguns desfrutem do lazer, milhares de pessoas trabalham. Assim, na atividade há dois grupos distintos: trabalhadores e turistas que fazem lazer em viagens. Quando o entretenimento é feito no lugar da residência, é lazer, e é sim fundamental, indispensável, embora acabe também transformado em mercadoria, o turismo é invenção do capitalismo.

As multinacionais prestadoras de serviços encontram formas e combinações de investimento e assim fazem acordos e cooperações. A criação de filiais, de participação minoritária e de parcerias são estratégias fortemente desenvolvidas. As grandes cadeias de hotéis e de restaurantes funcionam como empresas-rede, em regime de franquias. O Estado aloca infraestrutura urbana, para atrair indústrias, hotéis de redes internacionais, *resorts*, macroempreendimentos externos admitindo poder contribuir para diminuição da distância entre áreas ricas e pobres, e da pobreza. É uma forma moderna de acumulação do capital, que reproduz organização desigual e combinada dos territórios. Sabe-se que “é função do discurso público dar aparência de unicidade entre os grupos dominantes e de consentimento entre os subordinados” (SCOTT, 2004, p. 81)

Para cada atividade industrial, surgem equipamentos urbanos para prestação de serviços, por exemplo, hotéis, restaurantes e agências de viagens, fazem-se franquias e contratos em gestão. Na locação de automóveis, ocorrem franquias e acordos com transportadoras; no trabalho temporário, na consultoria financeira e fiscal, a modalidade mais evidente é a filiação de escritórios à rede de escritórios internacional. As multinacionais em serviços desenvolvem formas e combinações de investimentos. A desregulamentação dos serviços turísticos no mercado internacional e a perda da soberania dos estados nacionais dificultam a aplicação de leis que protejam as economias nacionais, tendo em vista a concentração do capital, e acentuam as desigualdades espaciais e segregações socioespaciais da América Latina, onde o turismo se intensifica. É bom lembrar que as mudanças se dão não apenas em relação ao

turismo, mas em relação a toda e qualquer atividade econômica vinculada ao modelo que tem em foco a reprodução do capital, que considera tudo indústria e mercadoria, inclusive cidades e metrópoles. Afirma Limonad (2008, p 82):

Diversos locais com belezas naturais e temperaturas amenas, em vários países, convertem-se em simulacros da realidade local, ao recriarem a natureza e “cor local” em ambientes seguros, estéreis e controlados, de modo a garantir a segurança e permitir que turistas estrangeiros, norte-americanos e europeus, sintam-se em casa, sem necessitar trocar dinheiro ou falar outro idioma.

Os latinos em viagem são obrigados a falar a língua do país visitado, uma vez que mantém postura dominadora. Instalam territórios de *resorts* em paralelo aos territórios solidários, produzidos por comunidades para o bem comum. Estes, abertos, à espera de visitantes; aqueles, fechados, excludentes, inacessíveis inclusive para os que neles trabalham e residentes do lugar. Na globalização, as economias nacionais permitem empresários transnacionais deslocar empresas para países em que o custo da mão de obra é menor, deixando para trás trabalhadores desempregados e o movimento operário enfraquecido, incapaz de defender conquistas históricas. As atividades da cadeia produtiva do turismo são intensivas em mão de obra, fator de vantagens locacionais, em países que combinem atrações naturais e culturais, com mão de obra barata e remuneração mais baixa. O trabalhador migra em busca de trabalho, para onde o capital se instala, mas, o capital também se desloca para junto da força de trabalho, como fazem multinacionais, e empresas de turismo que chegam aos países latinos. Megaoperadoras de turismo internacional e *resorts* concentram e integram conglomerados que atuam nos mercados emissores, com barreiras à sobrevivência e entrada de pequenas operadoras e pequenos negócios a participarem da cadeia produtiva. Dominam praticamente todos os escalões da cadeia produtiva do turismo internacional, desde linhas aéreas, redes hoteleiras, operadoras, agências de viagens, empresas de transportes, sistemas globais de distribuição, cartões de crédito, *marketing* internacional, sistema de comunicação e portais para o comércio eletrônico. Levam vantagens e lutam para manter cativos os consumidores e excluir pequenas empresas do mercado e pequenos empreendedores nos países latino-americanos, considerados paraísos turísticos. A competição nem sempre é excludente, muitas vezes, cooptadas a serviço. O embate, contraditoriamente, faz surgir políticas alternativas de turismo, as chamadas resistências voltadas aos pequenos empreendimentos, estimulando o surgimento de territórios solidários de turismo comunitário, mostrando nova face da mundialização capitalista.

Territórios solidários e experiências de turismo comunitário

Território vincula-se às condições existenciais e vivenciais de seres vivos, em especial, dos humanos. Etologicamente, a territorialidade humana é análoga à dos animais, posto que é condição de subsistência. Vincula-se ao espaço social do cotidiano com concepção geográfica, política e cultural. É espaço necessário à vida, ao trabalho, ao afeto entre pessoas, áreas de poder e domínio, daí remeter às fronteiras entre povos e grupos. Territórios são espaços de copresença, vizinhança, intimidade, emoção, colaboração, cooperação e assim propício à solidariedade, no cotidiano, tanto mais intensa quanto maior a proximidade entre pessoas (SANTOS, 1996). Contudo sua construção se dá como processo com superposições de intenções de diferentes atores em jogo de interesses e em conflito, quando territórios são espaços de disputas, guerras e resistências, na dialética entre solidariedade e conflitos territoriais. Territórios latinos são dominados por empreendedores, gestores e operadores

turísticos, ao alocarem investimentos e retirarem renda da terra, e mais valia da força de trabalho. São meios e produtos das relações de força e de poder produzidos para e pelo turismo, que se estabelecem de forma contraditória e articulada entre lugares, nações e mundo.

Territórios são construções sociais, para Barcelar (2008) realizadas pela escolha de agentes globais, nacionais, sobretudo, de agentes locais. Dessa forma, o que interessa, nessa análise, é a produção territorial solidária de comunidades articuladas para a oferta de atividades turísticas. As formas de produção territorial de comunidades são denominadas por Perico (2008, p.54) de “territórios de identidade” e “territórios de cidadania”. Pois “a base da delimitação é a identidade, fator estruturante da organização e da mobilização que integra comunidades (...). É a energia de ação política que promove rotas de governabilidade baseadas na ação coletiva”. Assim, comunidades da América Latina garantem o controle de territórios pela criação de associações, sindicatos e cooperativas, arranjos produtivos locais, como formas de organização tendo em vista políticas que atendem necessidades locais e o fortalecimento comunitário. As políticas locais revelam o caráter solidário das comunidades, uma vez que decisões são tomadas em conjunto, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida. Conforme Bourdin (2001, p. 199), o local se desenvolve pela ideia do “viver junto” associado à defesa de interesses coletivos, da identidade, valores e cultura local, e conservação dos ecossistemas locais. Daí território local se identificar com:

Grupo de indivíduos e famílias que partilham dos mesmos valores e vivem juntos num território em que se desenvolve o conjunto da atividade coletiva e individual, depois como a partilha de um mesmo território por diversos grupos comunitários.

Em contraponto aos territórios do capital, emergem territórios solidários, em várias escalas territoriais, com experiências de turismo que representam estratégias de sobrevivência baseadas na criatividade e esperança, mediante trabalho humano, mais do que no capital embora com influência das leis do mercado. O movimento reprodutivo do capital, na ânsia de acumulação ampliada, instiga conflitos e resistências, faz surgir organizações em defesa de interesses dos valores locais, para manutenção de especificidades da história de lugares, atores locais, valorizando-os para não serem aniquiladas pelos interesses globais. Faz-se necessário compreender a política de turismo como parte da política econômica global, neoliberal, considerada colonialista na América Latina, forma diferenciada de acumulação. É ingenuidade esperar soluções aos trabalhadores e aos problemas sociais de política vinculadas aos princípios do mercado. Nesse contexto, situam-se movimentos tidos como contraposições ao turismo global, à contramão do eixo do turismo convencional e globalizado, produzindo turismo alternativo, com responsabilidade socioambiental, solidário e comunitário, voltado ao desenvolvimento na escala humana e não de capital (CORIOLANO 2006).

Na América Latina, destacam-se experiências de turismo de lugares com vulnerabilidades econômicas, cresce o número de propostas de turismo alternativo em pequenas cidades, bairros populares, morros, favelas, comunidades indígenas, quilombolas, marisqueiras, pesqueiras, camponesas e ribeirinhas exigindo que universidades pesquisem e contribuam para o fortalecimento dessas atividades, enfim, é o turismo de grupos majoritários, pautados nos princípios do desenvolvimento humano, participativo e comunitário. As políticas e discussões têm criado possibilidades de práticas de turismo no combate à pobreza, na formação da “sociedade do aprendizado” e no crescimento de propostas da economia solidária, preço justo e economia de comunhão.

O turismo passa por transformações resultantes da mudança de nível de consciência da população mundial, no que toca à defesa de direitos humanos e ambientais, diferindo na forma como o turismo convencional é explorado, ou como se dão as relações sociais de produção, que determinam mais ou menos exploração e concentração de renda. As explorações exacerbadas, nas relações de trabalho, associam-se às relações mais flexíveis e adaptadas aos interesses das comunidades locais. Por conseguinte, executivos de *resorts* e ambulantes vendedores de *souvenir* e artesanatos são igualmente trabalhadores nos países latinos e, na maior parte dos negócios turísticos, emergem ricas experiências voltadas para menor exploração do trabalho, com melhores ganhos para os trabalhadores, distribuindo melhor os resultados do trabalho social e fazendo valer os valores comunitários.

Neocolonialismo ou produção desigual e combinada

Muitas teorias explicam o desenvolvimento do modo capitalista de produção. Entre as teorias críticas estão a do Neocolonialismo e a Desenvolvimento Desigual e Combinado. Fazem-se críticas às políticas veementes do Estado intervencionista e ao Bem-Estar Social no pós-guerra, mas instala-se o neoliberalismo. Surgem novas formas de colonizar e o Estado comporta-se convenientemente, ora dentro, ora fora da produção capitalista.

Santos (2004) mostra a necessidade de, no pós-capitalismo, as ciências sociais explicarem, de formas teórica e analítica desigualdades de desiguais entre o Norte e o Sul para compreensão do mundo contemporâneo. Pois, embora acabado o colonialismo das “relações políticas”, não acabou o das “relações sociais” enquanto mentalidade e forma autoritária e discriminatória. Scott (2004) destaca que as relações de poder são de resistência, e uma vez estabelecida, a dominação não persiste pela própria inércia, exercício que produz fricções na medida em que recorre ao uso capaz de extrair bens e serviços impostos aos dominados. A exploração é essência do capitalismo. Santos (2004) é mais contundente, ao mostrar que, para entender o Sul como metáfora do sofrimento humano causado pelo capitalismo, significa reinventar a emancipação social indo mais além da teoria produzida no Norte. Ou seja, essas não dão conta da realidade, e são explicações dadas de fora, sem a concepção da realidade de pobreza, fome e exploração. Lembra ainda que a ideia de exaustão da modernidade ocidental facilita a revelação do caráter invasivo e destrutivo de sua imposição ao mundo moderno, revelação cara ao pós-colonialismo. Certamente é o que vem acontecendo na América Latina: grupos empreendedores descobrem caminhos alternativos e emergem no cenário global. Projetos de iniciativa da sociedade civil organizada, sobretudo na escala de comunidades, mostram outra face da globalização, com fortalecimento de grupos de resistência, a exemplo do turismo comunitário que surge em lugares onde *resorts* tentam se instalar. Explica Ciccolella (2008, p.96) que:

Essa relativa “ausência” do Estado local para controlar e regular o território deu como resultado, maior espaço de liberdade do capital imobiliário e financeiro para atuar sobre o espaço urbano re desenhando-o segundo suas necessidades e desejos de renda urbana, realizando de maneira mais acentuada que em outras etapas do capitalismo...

Mostram teóricos críticos que o controle político e militar dá lugar a formas de controle abstratas e indiretas, de natureza econômica, promovidas por forte aliança entre o capital

estrangeiro e as elites locais. A dominação dos países do capitalismo central é realizada por meio de megaprojetos financiados pelo FMI e pelo Banco Mundial com total apoio dos governos latino-americanos, com imposição de regras obedecidas à risca e fechamento de olhos para questões vitais relacionadas a residentes e a natureza, como acontece nas instalações dos *resorts*.

Admite-se que a Teoria do Desenvolvimento Desigual e Combinado de Trotsky explica melhor a realidade dos países latinos, pois como asseveram Mandel (1990) Lõvy (1995) e Soja (1993), o “desenvolvimento desigual e combinado entre as regiões e as nações é a própria essência do capitalismo, no mesmo plano da exploração da mão de obra pelo capital”. O capital seleciona lugares, e, sendo o turismo atividade essencialmente capitalista, oferece todas as oportunidades de exploração, não apenas da mão de obra, mas de territórios. Mostra Soja (1993, p. 111) que o capitalismo:

Foi forçado a deslocar ênfase cada vez maior para extração da mais valia relativa, através das mudanças tecnológicas, das modificações na composição orgânica do capital, do papel cada vez mais invasivo do Estado e das transferências líquidas do excedente, associadas à penetração do capital em esferas não inteiramente capitalistas da produção (internamente através da intensificação e externamente, através do desenvolvimento desigual e da “extensificação” geográfica para regiões menos desenvolvidas do mundo).

A reestruturação capitalista, assim, se dá de forma desigual e combinada, e o mesmo processo que produz riqueza para uns produz pobreza para a maioria, a riqueza fica sempre concentrada. Nessa lógica, a América Latina não seria apenas subdesenvolvida, pois há produção de riquezas em todos os países. Interessa compreender o movimento na totalidade, os jogos de interesses que movimentam a produção e acumulação capitalista com rebatimento em todos os países. A exploração se realiza em cadeia e assim ocorre entre países, e internamente, sempre concentrando riqueza de forma desigual, gerando crises. A explicação não é simplória nem é pretensão explicar o movimento, apenas entender que, cada vez mais, a separação, entre centro e periferia para os fenômenos socioeconômicos e políticos, transcende os países.

Considerações finais

Sem pretensão de concluir, apenas de finalizar o texto diz-se que ocorrem mudanças, não do capitalismo, mas no capitalismo que apontam para tomada maior de consciência humana, universalmente e conseqüentemente, para mudanças. Crescem os movimentos de baixo para cima, tendo como sujeitos países, regiões, lugares, cidades, comunidades pobres de continentes pobres, em especial da América Latina, que acreditam no que ensinou Milton Santos (2000) que é possível outra globalização, que virá de baixo para cima e não pelos atores hegemônicos.

Os territórios solidários da América latina se fortalecem e não são apenas “territórios de desejos”, são espaços de vivências de organização socioespacial, marcados pela resistência ao modelo de produção hegemônico, pela não subordinação à dominação e exploração dos dominadores representados por megaempreendimentos concentradores de capital. São experiências com forte referência de políticas de inclusão social, que promovem pequenas cidades, bairros, periferias e comunidades, articulados em redes latinas, nacionais e locais que

mitigam distâncias socioeconômicas entre ricos e pobres e contribuem para tornar à sociedade mais suportável. São políticas de desenvolvimento social e se ampliam em processo que envolve o fortalecimento do capital social, com maior confiança na cooperação, nos mecanismos de socialização de processos de aprendizagem e de inovação social. Promovem articulações entre aspectos políticos e institucionais para gestões participativas, sensibilização e estratégias para incorporação das questões de gênero, diferenças étnicas, terceira idade, juventude, grupos minoritários, assim como questões ambientais e de sustentabilidade socioeconômica, educação popular e crescimento de comunidades que buscam soluções econômicas e sociais pelo turismo e atividades locais na América Latina.

Referencias bibliográficas

ALENTEJANO, Paulo. Uma análise geográfica dos conflitos no campo brasileiro. In OLIVEIRA, Márcio Piñon, COELHO, M. Célia Nunes, CORRÊA, A. de Mello. O Brasil, a América Latina e o Mundo: espacialidades contemporâneas II. Rio de Janeiro : Lamparina: Faperj, Anpege. 2008

ALTÉS, Carmen. El turismo en América Latina y el Caribe y la experiencia del BID. Series ENV-149. Informes Técnicos Del Departamento de Desarrollo Sostenible. Banco Interamericano de Desarrollo Washington, D.C.2006.

BACELAR, Tânia. O contexto mundial e as diversas visões de territórios e de desenvolvimento regional sustentável. In: MIRANDA, Carlos et al. Articulação de políticas públicas e atores sociais. Brasília: IICA, 2008.

BOURDIN, Alain. A questão local. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

CARLOS, A, F. A urbanização da sociedade: questões para o debate. In OLIVEIRA, Márcio Piñon, COELHO, M. Célia Nunes, CORRÊA, A. de Mello. O Brasil, a América Latina e o Mundo: espacialidades contemporâneas II. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj, Anpege. 2008

CHESNAIS, F. – A mundialização do capital. São Paulo: Xanã, 1996.

CICCOLELLA, Pablo. Aportes para uma Geografia Crítica de la ciudad latinoamericana. In OLIVEIRA, Márcio Piñon, COELHO, M. Célia Nunes, CORRÊA, A. de Mello. O Brasil, a América Latina e o Mundo: espacialidades contemporâneas II. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj, Anpege. 2008

COUTO, Leandro, O horizonte regional do Brasil e a construção da América do Sul. Revista Brasileira de Política Internacional. Nº 50 (1): 159-176 [2007]

CORIOLOANO. Luzia Neide M. Teixeira. O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza. São Paulo: Annablume, 2006.

DUPAS, Gilberto. Economia Global e Exclusão Social: pobreza, emprego, Estado e o Futuro do Capitalismo. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

GUATTARI, F e ROLNICK, S. Micropolítica. Cartografias do Desejo. Petrópolis, Vozes , 1986.

GALEANO, E. As Veias Abertas da América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1979.

MANDEL, E. A Crise do capitalismo: os fatos e sua interpretação marxista. São Paulo, Ensaios, 1990.

LIMONAD, Ester. America Latina mais além da urbanização dependente? In OLIVEIRA, Márcio Piñon, COELHO, M. Célia Nunes, CORRÊA, A. de Mello. O Brasil, a América Latina e o Mundo: espacialidades contemporâneas II. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj, Anpege. 2008

LÖVY, Michael. A Teoria do Desenvolvimento Desigual e Combinado. Revista Actuel Marx, 18. Tradução de Henrique Carneiro. 1995.

OMT. Panorama Del Turismo Internacional. Edição 2011. http://mkt.unwto.org/sites/all/files/docpdf/unwtohighlights11sphr_2.pdf

PERICO, Rafael Echeverri. Articulação de políticas e participação social. In: MIRANDA, Carlos et al. Articulação de políticas públicas e atores sociais. Brasília: IICA, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Do Pós-moderno ao Pós-Colonial. E para além um do Outro. Coimbra. Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Conferência. 2004

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo - razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996

_____. O mundo, o Brasil e a globalização: o horror não dura eternamente. Rev. Rumos do Desenvolvimento, Rio de Janeiro: n. 137. Jun/1997

_____. Por uma outra Globalização. Rio de Janeiro, Record, 2000.

SOJA, Edward W. Geografias pós-modernas : a reafirmação do espaço na teoria sócio - crítica. Rio de Janeiro, Record, 2000.

SCOTT, James C. Los dominados y el arte de la resistência. Discursos Ocultos. Colección problemas de México. Ediciones Era. 2004.

SHOHAT, Elba. STAM, Robert. Crítica da imagem eurocêntrica. Multiculturalismo e Representação. Tradução SANTOS, Marcos. Ed COSAC & NAIPY, 2007

